

3

Discurso na cerimônia relativa ao Programa de Prevenção e Controle das Queimadas e Incêndios Florestais no Arco do Desflorestamento – Proarco

IBAMA, BRASÍLIA, DF, 8 DE JULHO DE 1998

Senhor Ministro Gustavo Krause, do Meio Ambiente; Senhor Ministro de Ciência e Tecnologia, Israel Vargas; Senhor Secretário de Políticas Regionais, Ministro De Angelis; Senhores Ministros que aqui se encontram; Senhores Embaixadores, da Argentina e da Venezuela; Senhor Governador Valdir Raupp, de Rondônia; Senhor Presidente do Ibama, Dr. Eduardo Martins; Diretor-Geral do INPE, Márcio Nogueira Barbosa; Senhores Secretários Estaduais de Meio Ambiente; Senhoras e Senhores,

Nós, hoje, tivemos uma exposição breve, direta, a respeito da questão dos incêndios. Especialmente nas exposições que nos foram apresentadas, conversou-se sobre o que aconteceu em Roraima. É certo que o incêndio em Roraima teve um impacto bem menor do que o que se anunciou na época, bem menor.

O Dr. Martins mostrou e, depois, o Dr. Márcio disse que eles estão fazendo, ainda, análises para confirmar a área atingida. Essa área atingida não se sabe ainda exatamente qual é, mas, certamente, é muito inferior aos 10 mil quilômetros quadrados. Vamos imaginar que seja metade disso: seriam 5 mil; menos ainda: digamos, 3 mil quilômetros quadrados.

Quero lembrar que o Estado de Roraima tem 225 mil quilômetros quadrados – 225 mil. A área afetada é ao redor de 3 mil quilômetros quadrados. Mas, ainda, desses 3 mil – foi o que nós vimos pela exposição do Dr. Martins – 80% foram afetados. Portanto, 2 mil e 400. Desses, 1,5% é que realmente afetou árvores de grande porte, chegou à copa das árvores.

É bom que se diga e que se insista em que o incêndio proveio da savana, do cerrado e das práticas habituais de queimada para a produção agrícola.

Tudo isso, se se traz o incêndio para a proporção devida, não diminui a preocupação que devemos ter com os incêndios, porque, 1 mil quilômetros quadrados que sejam, nós temos que estar preocupados e alertas. Portanto, não estamos aqui simplesmente para dizer “não houve nada em Roraima”. Houve, sim. Nós reagimos, tentamos controlar o fogo, viu-se como isso foi feito, de forma efetiva. Agradeço, para começar, a cooperação da Argentina, dos bombeiros argentinos e venezuelanos que lá estiveram, mas também a cooperação dos nossos bombeiros. Aqui, nós vimos. hoje mesmo – pelas menções que fizemos aos Corpos de Bombeiros de vários estados da Federação e, especialmente, de Roraima – o imenso esforço que foi feito pelos combatentes do fogo para que o controle do incêndio pudesse ocorrer.

Também é de meu dever dizer, como já foi dito, que nós não poderíamos ter feito o que fizemos sem a Força Aérea e o Exército. E aproveito que aqui estão os Ministros, para agradecer a presença – que, aliás, é constante – das nossas Forças Armadas na defesa do interesse do povo, do interesse do País. Mais uma vez, nós vimos isso lá em Roraima, e o General Comandante da Brigada simbolizou essa ação muito eficaz, muito direta.

Bem, há males que vêm para o bem. Creio que a surpresa mesma do modo como foi divulgado o incêndio de Roraima e o próprio fato do incêndio de Roraima nos levaram já a coordenar mais nossas ações, a uma ação mais imediata e mais pronta.

Aqui vimos as fotografias feitas pelos satélites. E aproveito para dizer que o INPE está fazendo um trabalho extraordinário. Sei o que significa

de matemática por trás de tudo isso e de esforço muito grande de pessoas, de engenheiros, de técnicos, de colaboradores. Assim como na questão do Ibama, agora, nós estamos fazendo a junção de tudo isso. É claro que, repito, significa que houve um esforço, mas há fatos naturais, e o fogo ocorre em certas épocas do ano em toda parte da Terra. Ainda agora – e aproveito para estender a nossa solidariedade aos Estados Unidos –, nós estamos vendo, nas fotografias da Flórida, incêndios de uma proporção gigantesca e as dificuldades que há para coibir os incêndios.

Coibir incêndio implica articulação de ações. Daí a importância da Secretaria de Políticas Regionais, de estar, também, diretamente vinculada a esse programa, porque, se não houver articulação, não vamos resolver a questão. Mesmo com articulação é difícil. O incêndio na Flórida está mostrando isso num país poderoso, organizado, como os Estados Unidos. Evidentemente, lá ninguém pensa que o Presidente Clinton seja responsável pelo fogo na Flórida. Toda gente sabe, primeiro, que é um fato natural que ocorre; segundo, que é preciso um esforço coordenado; terceiro: é muito difícil controlar os incêndios. Mas a dificuldade não nos exime da responsabilidade de uma ação mais pronta, mais enérgica.

É isso que estamos vendo aqui, os preparativos para a defesa da Amazônia no que diz respeito, sobretudo, a esse arco de devastação, um arco perigoso, porque é onde os incêndios podem ocorrer. Isso me deu a sensação de que nós, hoje, estamos, digamos, alertas. Nós temos as informações, a base científica, a base organizacional, o INPE, o Ibama, a Secretaria de Políticas Regionais, seus técnicos, seus funcionários, todos voltados para essa questão da prevenção.

Estamos, agora, começando – insisto –, começando a fazer o que é essencial. O essencial é a articulação, primeiro, entre o Governo Federal, os governos estaduais e os governos municipais. Mas tão importante quanto isso é a articulação com a sociedade. E, aí, temos vários lados: temos o agricultor, que tem que ser melhor informado e que não pode ser um destrutor de árvores. Aí, o Meio Ambiente, o Ibama, a educação ambiental são fundamentais. E é possível fazer o desenvolvimento sustentado, sustentável, que se reproduza no decorrer do tempo, se se tomarem os cuidados que são pertinentes e necessários.

Mas tão importante quanto lidar com o agricultor é lidar com as organizações que protegem o meio ambiente. Quero aqui fazer um agradecimento muito especial ao Grupo de Trabalho Amazônico, o GTA, porque está cooperando, está percebendo que não se trata de outra coisa senão do interesse do meio ambiente, do País e do povo do Brasil. Não está cooperando com o governo tal ou qual: está cooperando com o País. Isso é muito importante. Isso é o novo no Brasil. É o novo no Brasil. Nós vamos precisar mais e mais de uma articulação com a sociedade civil, com as organizações não-governamentais. E esse GTA representa uma espécie de *holding* das organizações não-governamentais, se é que posso usar a palavra *holding* nesse sentido, que não é econômico. Mas a verdade é essa.

Então, nós estamos nos organizando para isso. Não quer dizer que não tenhamos riscos, não estejamos a correr riscos. Estamos correndo riscos. Daí os decretos que acabo de assinar, regulamentando a questão das queimadas e fazendo com que haja, também, um incentivo a essa queimada comunitária. Mas esses riscos existem, porque o Brasil é muito grande, a área afetada é imensa e a nossa capacidade de conhecer é mais rápida do que de atuar. Em certas circunstâncias, a lucidez só aumenta o sofrimento. Na política é assim também. A gente sabe o que vai acontecer e, muitas vezes, não tem a capacidade de evitar que aconteça.

Nós estamos, neste momento, nos preparando, porque já sabemos o que pode acontecer. Temos instrumentos científicos para saber o que pode acontecer. Nosso desafio é evitar que aconteça. Isso é um risco, e esse risco requer uma ação pronta do Governo, do Ministro do Meio Ambiente, do Ministro da Ciência e Tecnologia, do Ministro de Políticas Regionais, mas, principalmente, dos que estão ali, na linha de frente. E a linha de frente são os que vão apagar o fogo, são os helicópteros que vão chegar lá, são os helicópteros que têm sensoreamento remoto, são os carros bem equipados. E a articulação disso com a sociedade local.

O Brasil é imenso. Não sei, vi ontem, lá, 28 grupos. É nada para o tamanho do Brasil e é muito para o desafio nosso de pouca capacidade de organização. Daqui para frente, isso é responsabilidade de todos nós: do Presidente da República, que não se furta às responsabilidades de

assumir risco e assumir as responsabilidades pelos erros também; dos Ministros, dos funcionários; mas é, também, do País, da sociedade, do governador, dos prefeitos, das organizações não-governamentais, dos produtores, de todos em conjunto.

Acho que – com realismo, sem imaginar que, porque temos aí um equipamento suficiente para nos alertar, para sabermos as coisas, nós, com isso só, vamos conseguir evitar incêndios maiores; sabemos que não – o principal é essa mobilização para que possamos, efetivamente, proteger o que é necessário: o meio ambiente, a floresta, as vidas humanas, a capacidade produtiva do País, que dependem de uma compreensão adequada de como se preserva o meio ambiente e, ao mesmo tempo, se desenvolvem os recursos, as potencialidades que a natureza está a oferecer ao nosso país.

Esse é o nosso desafio. É um desafio de mobilização, de articulação, de boa vontade, de boa-fé, de respeito. E termino – até porque o meio ambiente é muito positivo aqui, é um lugar extraordinário, o sol é inclemente – dizendo o seguinte: cabe uma palavra direta de agradecimento aos que estão envolvidos neste trabalho: aos técnicos, aos que fazem os *softwares*, aos que estão dando informação uns aos outros, aos funcionários, aos trabalhadores do fogo, que vão lá arriscar a vida, ao Corpo de Bombeiros – instituição memorável que nós temos no Brasil, que precisa ser valorizada em todas as unidades da Federação: na hora dura, são eles que vão lá se arriscar.

Acho que hoje cabe um agradecimento. E creio que a pequena recordação do que fizemos ao distribuir um diploma de reconhecimento é apenas uma pequena expressão de um imenso mérito que o Brasil reconhece nos seus bombeiros.

Ao terminar, também quero dizer que recebi uma recordação daqui desta visita ao Ibama, composta por pedaços de madeira brasileira, da melhor maneira possível: uma bola – para significar que nós vamos jogar essa bola e fazer gol no próximo domingo. E vamos ser campeões do mundo.

Muito obrigado.

